

TRIPLEX FUNICULUS DIFFICILE RUMPITUR



BOLETIM DA UNIÃO DOS ANTIGOS ALUNOS DO ESPÍRITO SANTO
N.º 179 JULHO A SETEMBRO 2015

Redação e Correspondência:

UNIASES
Apartado 1098
4710-908 BRAGA
Tel.: 253 951 257

Diretor:

Alberto Melo
Chefe de Redação:
Francisco Pinto
E-mail:
ases@portugalmail.pt

Propriedade:

União dos Antigos Alunos do Espírito Santo

Distribuição:

ASES

Periodicidade:

Trimestral - Reg. no I.C.S. n.º 112314

Tiragem:

1610 Exemplares
Assinatura Anual: 5,00 €
Composição e Impressão:
Tadinense - artes gráficas
www.tiptadinense.pt



EDITORIAL

O nosso boletim!...

Segundo os cânones, o Editorial deveria traçar a opinião da Direção sobre determinado assunto conforme os parâmetros orientadores da sua linha formativa e informativa. O Boletim UNIASES obedece, em princípio, a essas regras comumente aceites, expressa o pulsar da Direção que o assumiu como uma das suas prioridades, tentando congrega, num só corpo e numa só alma, a generalidade dos Antigos Alunos do Espírito Santo aos quais vai sendo enviado.

Para que seja alcançado com mais intensidade um desses objetivos, torna-se necessária a intervenção e colaboração dos nossos leitores. Não se pode inventar a notícia informativa se dela não temos conhecimento e da qual ninguém dá ou quer dar conta. Como de pão para a boca é precisa a comunicação entre os vários interlocutores da UNIASES: os que alimentam e disponibilizam as (suas) notícias e a Direção que as fará circular entre os seus membros, os Antigos Alunos.

Nesta conformidade se organiza e dá à estampa o nosso Boletim.

Luta contra a indiferença e o comodismo. Escreve-nos ao sabor da tua inspiração e disponibilidade, seja manualmente ou com o recurso às novas tecnologias. É deveras importante a comunicação e a notícia.

Aqui deixamos o recado escarrapachado no Editorial do UNIASES, n.º 151 (Julho a Setembro de 2008): **“sem ovos não se fazem omeletes”**. Para bom entendedor...

Agradecemos a todos, pena que quase sempre os mesmos, o seu tempo e engenho dispensados na edição trimestral do nosso Boletim.

Alberto Melo,
Presidente da Direção

SEMINÁRIO DE FRAIÃO

SÁBADO - 21 DE NOVEMBRO

BODAS DE OURO 1965/2015

Inscrições:

Godim 1963

Miguel Angelo

T. 225 020 498 | Tlm. 917 641 304
miguelangelov@gmail.com

António Alves Pereira

Tlm. 917 109 912
aalvpereira@gmail.com

Viana 1963

Dr. José Gama Oliveira

T. 258 826 947 | Tlm. 964 028 054
jose.oliveira5321@gmail.com

Dr. Jaime Rodrigues Ribeiro

Tlm. 914 028 261
domusiuris@zonmail.pt

MAGUSTOS

DOMINGO - 8 DE NOVEMBRO

SEMINÁRIO DA SILVA – 10h às 17h

Família espiritana

*Angariação de fundos para a construção
do Seminário em Moçambique*

CENTROS DE ANIMAÇÃO MISSIONÁRIA

Bragança – Porto - Coimbra
Torre d'Aguilha

ASES - SÃO PAIO DE OLEIROS

SÁBADO - 14 DE NOVEMBRO

Organização Núcleo da Feira

Carlos Seixas

T. 220 805 687 | Tlm. 964 076 126
ases@portugalmail.pt

NOTÍCIAS BREVES

CRÓNICAS COM MISSÃO 2

Esta edição, de autoria do P. Tony Neves, apoia a construção do primeiro Seminário Espiritano em Moçambique, na Beira, e publica os Editoriais do jornal 'Ação Missionária' de 2005 a 2015, a que se juntam outros pequenos artigos e culminou com a celebração do jubileu sacerdotal do seu autor nos vinte e cinco anos da sua ordenação presbiteral.

No ato da apresentação deste novo livro, referiu D. António Francisco, Bispo do Porto:

«Sabemos todos, e o Padre Tony Neves recorda-o com ousadia profética, que a Igreja não desiste das grandes causas da Humanidade e por isso a missão não pode fugir às dificuldades que a missão de evangelizar implica e que a comunidade ao magistério dos sucessores de Pedro exige.

Em Crónicas com Missão, a missão é palavra e conceito; tempo e espaço; sonho e projeto; designio de vocação e campo de trabalho; bênção de Deus e consagração de vida; mandato da Igreja e serviço à Humanidade.

Este livro acrescenta novos capítulos aos Atos dos Apóstolos e diz-nos que devemos todos e em tudo estar sempre em missão.»

Recomenda-se a sua aquisição e uma boa leitura. Tudo por boas causas.

MOVIMENTO MISSIONÁRIO DE PROFESSORES

Em Viseu, de 1 a 8 de Agosto, realizou o MOMIP o seu encontro nacional focado no tema "Família em missão", que congregou docentes de todos os graus de ensino e níveis de formação.

Aos participantes neste encontro foi transmitido o carisma dos missionários do Espírito Santo, tendo as sessões sido orientadas pelo P. Nuno Rodrigues (assistente do movimento) e pelo P. Tiago Barbosa, ambos espiritanos, tendo sido frisada a importância da família na vida, na formação/educação de cada pessoa e no desenvolvimento do mundo. Realçado foi o papel da família como viveiro de vocações consagradas.

Sem esquecer a tarefa que a escola exerce sobre os educandos, será incrementada uma dinâmica que permita uma fácil visita aos estabelecimentos de ensino que privilegie o contacto das escolas e dos jovens na missão, conti-

nuando a ser feita uma aposta na criação de materiais lúdico/didáticos de carácter missionário.

No decurso da Assembleia-Geral foi lançado o desafio da realização de uma experiência de missão "Ad gentes", no verão do próximo ano de 2016

LAR ANIMA UNA

"Um exemplo de como a Igreja pode servir a comunidade, colocando os seus edifícios à disposição de todos, mas sobretudo dos mais necessitados. Foi desta forma que o Arcebispo Primaz (D. Jorge Ortiga) se dirigiu à "Anima Una", que ontem (17/9) inaugurou oficialmente uma estrutura residencial para idosos no Seminário de Fraião, em Braga", podia ler-se no Diário do Minho de 18 de setembro.

O Lar, como Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) há muito que funciona nas alas Norte e Centro do Seminário do Fraião, recebeu importantes obras de beneficiação patrocinadas pelo Programa Operacional Potencial Humano (POPH), que se concretizaram numa significativa melhoria e alteração de espaços, numa remodelação e apetrechamentos dos quartos, bem como meios técnicos para a realização dos objetivos propostos.

Neste momento, acolhe um significativo número de Missionários Espiritanos que, pela idade e necessidade de cuidados de saúde, usufruem dos serviços prestados pelo Lar, assim como, clientes externos à Congregação do Espírito Santo e pertencentes à população local. Uns e outros, presentemente em número de trinta, dia e noite, usufruem de esmerados cuidados de saúde, proporcionados pela direção do LAR e um dedicado grupo de funcionárias, enfermeiro e médico.

Chama-se a atenção dos Membros da

Família Espiritana onde se incluem os ASES...

UASP E OS HACKERS – AVISO À NAVEGAÇÃO

Engenheiros, programadores habilidosos e sem escrúpulos os hackers captam-nos dados que utilizam em seu favor com consequências funestas para um utilizador inocente apesar do aparato defensivo com que se mina o computador para prevenir efeitos e intromissões indesejáveis.

Recentemente invadiram o "site" da UASP (União dos Antigos Alunos dos Seminários Portugueses) e capturaram a conta de mail com o intuito de enriquecer à custa de quem cair nas redes ardilosas que logo tecem para sacarem uns euritos, um mal menor...

Alegando o roubo da mala que continha importantes elementos (passaporte, dinheiro, telemóvel e outros) e que a sua proprietária, por sinal a secretária da UASP, estava em grandes dificuldades para tentar solucionar a situação. A cena imaginária teria ocorrido em Limassol, Chipre, numa estação de autocarros e que precisava de um empréstimo de 1.350 Libras que pagaria após o seu regresso.

Aqui a primeira escorregadela: porquê libras quando Chipre aderiu ao euro em 2008? É que a uma libra cipriota corresponderia cerca de 1,67 euros. Depois um português razoável mas pormenores que mereciam maior atenção e a insistência dado o caso ser urgente...

Após muito trabalho, uma autêntica saga, a conta e o seu conteúdo foram recuperados.

Lição: As coisas não acontecem só aos outros, rondam-nos a porta, por isso convém ter e manter uma atenção permanente a intrusos que nos assaltam pelas janelas cibernéticas da "informação".



NOTÍCIAS DA CONGREGAÇÃO

CONSELHO PROVINCIAL ALARGADO

Realizou-se no CESM-Silva (Barcelos), de 12 a 18 de Julho, o Conselho Provincial Alargado (CPA) da Província Portuguesa da Congregação do Espírito Santo, tendo sido reeleito o Provincial, P. Tony Neves. Ao mesmo tempo foi constituído o novo Conselho Económico, presidido pelo P. José de Sousa, sendo coadjuvado pelos P. Manuel Martins, Nuno Rodrigues e Tiago Barbosa. (ver artigo pág. 4)

Nomeações

Foram nomeados, por três anos:

P. Casimiro Pinto de Oliveira – Superior da Comunidade da Estrela - Lisboa
 P. Francisco Fernandes Correia – Superior da Comunidade do Fundão
 P. José Carlos Coutinho – Superior da Comunidade de Godim
 P. José da Cunha Duarte – Superior da Comunidade de S. Brás de Alportel
 P. Adélio da Cunha Fonte – Superior da Comunidade do Fraião

PROFISSÕES RELIGIOSAS

Na esteira dos bons velhos tempos, o dia 8 de Setembro, no CESM-Silva, vem sendo consagrado, aos usos e costumes da Congregação, como dia das Profissões Religiosas. Assim, com a emissão de votos temporários, José Augusto Almeida Silva (Cabo Verde), após um ano de Noviciado em Paris fez a sua primeira profissão religiosa; tendo, na sequência, observado a renovação de

votos: Bernard Adukwu (Nigéria), Prince Bassegue-Guerengbo (Bangui), Martin Avebe (Camarões) e Arthur Matip (Camarões). Emitiram votos perpétuos: António Neves Mosso, (Portugal), Elson Correia Lopes (Cabo Verde), Edward Apambila e Vincent Akpabi, (Gana). Celebraram-se também as Bodas de Diamante (60 anos) de P. António Moreira Loureiro, P. Carlos Gouveia Leitão, P. Ernesto de Azevedo Neiva, Ir. António Pacheco Pereira Júnior, Ir. José dos Santos Moraes (Acácio) e as de Ouro (50 anos) do P. José Reis Gaspar, de profissão religiosa.

CELEBRAÇÕES JUBILARES

No decurso do corrente ano celebraram, ou em vias de celebração, os 50 anos da sua Ordenação Presbiteral, Bodas de Ouro: P. Francisco Gonçalves de Oliveira, (15 de Agosto), P. Domingos de Matos Vitorino e P. Joaquim da Silva Ferreira, (31 de Outubro)

Bodas de diamante, 60 anos, P. Domingos da Cruz Neiva (5 de Março), P. Alberto da Silva Camboa, (29 de Junho), P. Eurico José Azevedo, (15 de Agosto), P. Francisco Fernandes Correia, (29 de Setembro).

Celebrará as Bodas de brilhante ou alabastro, 75 anos, o P. Joaquim Martins Alves Pereira, em 21 de Dezembro.

EVENTOS COMEMORATIVOS

Os próximos tempos serão marcados por diversos eventos: os 75 anos da che-

gada dos Espiritanos a Cabo Verde; o encerramento do Jubileu dos 150 anos da chegada dos Espiritanos a Angola; a preparação próxima da celebração dos 150 anos da chegada dos Espiritanos a Portugal.

Será de bom-tom estar atento a estas celebrações comemorativas e, se possível, nelas participar.

CEPAC

A ação/resposta social de apoio à integração de imigrantes, iniciada nos anos de 1970 pelos missionários do Espírito Santo, tem-se adaptado, ao longo da sua existência, à problemática desencadeada por questões que a imigração tem levantado.

A princípio, o CEPAC (Centro Padre Alves Correia) prestava o seu apoio a cabo-verdianos deslocados e a residir na zona da Grande Lisboa. Essa ação seria alargada aos PALOP's, incluindo mais países africanos, a que se juntariam, mais tarde, outros vindos da Europa de Leste.

Agora é a controversa onda de imigração proveniente de países em guerra no Próximo e Médio Oriente. Grandes, muitas e variadas serão as solicitações a bater à porta do CEPAC, o seu leque de ação irá ser alargado para ajudar e guiar esta nova vaga que começa a invadir a Europa e que, em breve, chegará a Portugal.

O CEPAC reforçará/alargará a sua missão na integração a bem da dignidade do ser humano.

UMA VEZ MAIS... O ENVELOPE... QUE NÃO VAI

“AOS ADORMECIDOS.....OU ESQUECIDOS.”

Dos 1 558 envelopes enviados o ano passado só nos devolveram uns 35!...

A maior parte dos contributos tem vindo por CRÉDITO EM CONTA:

CGD / CONTA 2008 038874 930

NIB 0035 2008 0003 8874 930 35

Se tens disponibilidade de umas migalhas, não esperes (para o mês de novembro).

Faz já a tua transferência ou manda o cheque – à ordem de UNIASES.

E envia para:

UNIASES
 APARTADO 1098
 4710-908 BRAGA

Precisamos de 6 500 € por ano para o nosso Boletim trimestral.

Felizmente que tem havido uma excelente (com) participação de muitos (são sempre os mesmos...) e que não gostaríamos de sobrecarregar com a aplicação de uma “taxinha” extraordinária...

Esta recomendação é também para os ASES que recebem o jornal por Internet...

A DIREÇÃO

CONSELHO PROVINCIAL ALARGADO 2015

Mensagem Final do Conselho Provincial Alargado 2015 à Família Espiritana

CESM - Silva

A todos os irmãos e irmãs da família espiritana.

Reunidos em Conselho Provincial Alargado, de 12 a 18 de julho de 2015, queremos enviar-vos desde o Centro Espírito Santo e Missão, na Silva - Barcelos, uma fraterna e calorosa saudação, sinal da nossa unidade e comunhão. É significativo o facto de escolhermos novamente este local, que oferece à família espiritana e à Igreja oportunidades de aprofundamento da fé e da vida espiritual, para tentarmos perceber os sinais do Espírito e nos abirmos à sua inspiração, para os desafios missionários que se colocam hoje à nossa Província.

Em Ano da Vida Consagrada, o lema escolhido foi "Alegria no Espírito" (Rom. 14, 17). E pudemos, de facto, sentir esta alegria, através do diálogo fraterno, dos momentos de oração, do acolhimento pela comunidade local, do espírito fraterno vivido tanto nos momentos de trabalho como de descontração. Todos os dias, os trabalhos foram precedidos de uma breve e inspiradora reflexão pelo animador espiritual, o P. José Costa. Procurámos ter presentes, na nossa partilha e oração, todos os confrades e membros da família espiritana, sobretudo os doentes e mais debilitados.

Estiveram presentes 22 delegados em representação das onze comunidades em Portugal, dos doze países onde trabalhamos, e dos jovens espiritanos

em formação. Contámos ainda com a presença do P. José Manuel Sabença, Conselheiro Geral, do P. João Baptista, Superior do Grupo de Cabo Verde, e da Albertina Moreira, Leiga Associada, expressando a nossa comunhão com a Congregação e com os leigos. Fomos apoiados também por outros quatro confrades nos serviços de secretaria e moderação.

O principal objetivo do CPA foi avaliar o cumprimento das decisões do último Capítulo Provincial, bem como apontar alguns caminhos de futuro ao novo Conselho Provincial, no seguimento de uma longa caminhada de preparação que envolveu todos os membros da Província. Assim, a partir dos documentos dos Capítulos Provincial e Geral de 2012 e das reflexões feitas pelos confrades em assembleia e comunidade, os participantes foram convidados a trabalhar em cinco áreas relativas à vida da nossa Província:

- Identidade, espiritualidade e comunidade
- Transmissão do carisma: Vocação e formação inicial e permanente
- Animação missionária, comunicação e comunhão com a Igreja local
- Missão, Justiça, Paz e Integridade da Criação, e solidariedade
- Redimensionamento das comunidades e bens materiais.

Em cada uma das áreas foram aponta-

das algumas propostas concretas que nos ajudem a responder aos desafios que se colocam à nossa missão, no seguimento do caminho iniciado no último Capítulo Provincial.

O CPA reelegeu o P. Tony Neves como Superior Provincial, eleição confirmada pelo Superior Geral e seu Conselho. Elegeu ainda para o Conselho Provincial os Padres Pedro Fernandes (1º Assistente), Hugo Ventura (2º Assistente), Nuno Rodrigues e Tiago Barbosa. O Provincial completou a equipa com a nomeação dos Padres Manuel Martins e Miguel Ribeiro.

A Eucaristia de encerramento foi presidida por D. Jorge Ortiga, Arcebispo de Braga, e contou também com a presença de representantes do clero local, das comunidades espiritanas mais próximas e de membros da família espiritana e da família do Provincial eleito, expressão de comunhão com a Igreja local e com a família espiritana alargada.

Saímos do CESM com o firme desejo de que a "Alegria no Espírito" não se fique pelo papel mas seja testemunhada nas nossas vidas de Consagrados, nas nossas comunidades, na nossa missão de levar a Boa Nova do Reino até às periferias do mundo de hoje, e seja contagiante para aqueles e aquelas que – acreditamos – Deus quer chamar para a Missão.

ASES: SEMPRE AMIGOS E SOLIDÁRIOS!...

Manuel António Pousa

Sendo verdade o que um poeta escreveu: "Traz uma viola, um poema, / um passo de dança, um sonho maduro; / e canta glosando este tema: / em cada criança há um homem puro!", e não me parecendo nada fácil contradizê-lo, lanço aos ASES deste nosso Portugal um desafio:

Aderi ou reforçai o vosso entusiasmo pela nossa União dos Antigos Alunos do Espírito Santo. Conhecemo-nos ainda crianças (homens puros), em Godim, em Viana, na Silva ou na Guarda-Gare e "despedimo-nos" já adolescentes no

Fraião, a maioria ou na Torre d'Aguilha, uma minoria.

Não consideram um privilégio que temos em poder encontrar, em vários momentos e ao longo do ano, esses antigos discípulos e companheiros de jornada?

Quantos dos nossos concidadãos desdenhariam essa hipótese, se fosse possível dizer-lhes que teriam a possibilidade de reencontrar e matar saudades com os colegas do tempo dos verdes anos da sua juventude? A grande maioria, com certeza, tudo faria para aprovei-

tar esse ensejo. Nos nossos convívios há sempre a possibilidade do reencontro e de matar saudades com colegas daqueles tempos dos verdes anos da nossa juventude.

Bem sabemos que ouvimos, vimos e sentimos coisas de que não gostámos. Haja quem o negue!... Naquele contexto sócio-político-económico e com mentalidades do tempo, hoje não muito aconselháveis, quem é que não desculpa certas práticas ainda que pouco recomendáveis? Ora tudo isso é secundário, dada a maior ou menor importância que

se queira dar. Relevantes são os aspetos positivos, e houve tantos, daquela nossa convivência desde o começo da manhã à noite, todos os dias do ano, fizesse sol ou chuva caísse.

Não querer saber ou não dar o devido valor a esse tempo tão decisivo nas nossas vidas não me parece razoável. Importante é dar-mos as mãos e, com a nossa UNIÃO, contribuir para o seu fortalecimento cada vez mais e melhor. Uma certeza: isso só se conseguirá quando um maior número de ASES acor-

rer aos encontros proporcionados e promovidos pela nossa UNIÃO. Claro, e bem entendido, desde que haja possibilidade com/em todas as cambiantes que a palavra "possibilidade" encerra.

É aconselhável que se faça, pelo menos, um pequeno esforço para que tal aconteça. Confesso não ser dos mais assíduos, prometo no entanto melhorar a minha participação no futuro.

Há, porém, para mim uma coisa que é incomparável. Os encontros dos meus condiscípulos, após seminário, ótimos,

sem qualquer espécie de dúvida; o encontro anual de antigos combatentes, uma beleza... mas os encontros a que tenho tido o privilégio de participar, os dos ASES, nem são melhores nem piores como se dizia na tropa, são simplesmente diferentes. Porquê? Sabe-se lá, e haverá tantas e tão variadas razões... quicá por terem sido as nossas primeiras amizades, exceção feita aos tempos da escola primária. E como bem sabemos, não há amizades como as primeiras!...

BODAS DE PRATA DO PADRE JOÃO DOMINGOS BRAZ (1990 - 2015)

José Ilídio Morais - (G88)



No passado dia 1 de Agosto, Almofala teve a alegria de dar graças a Deus pelos 25 anos de sacerdócio do P. João Domingos Braz, filho desta pequena paróquia da diocese de Lamego, paróquia que já contou muitas vocações sacerdotais e religiosas, muitos filhos de Almofala passaram pelos seminários da Congregação.

O padre João nasceu em Almofala no concelho de Castro Daire a 25 de Março de 1961, filho de uma família de condições modestas, desde muito cedo mostrou o interesse pela vida religiosa.

A 1 de Outubro de 1972, entrou no seminário da Congregação do Espírito Santo em Godim, passou por vários seminários desta congregação até completar os estudos do ensino secundário. Em 1983 deixou a congregação e passou para o patriarcado de Lisboa, tendo sido ordenado a 1 de Julho de 1990, no Mosteiro dos Jerónimos, em Lisboa.

Teve a seu cargo várias paróquias onde exerceu o seu múnus pastoral e apostólico. Há seis anos que é o páro-

co/pastor da maior paróquia da Europa: Algueirão - Mem Martins - Mercês. Era dia de festa. A concentração da população na Igreja Matriz fez-se pelas 16:00, enquanto se aguardava a chegada de paroquianos de Algueirão que se fizeram transportar em autocarro desde aquela vila do concelho de Sintra. Por esse motivo seria atrasado, para meia hora mais tarde, o início da celebração eucarística presidida por Dom Manuel Felício, bispo da Guarda e concelebrada por alguns párocos da diocese, entre os quais se encontrava o Pe. José Augusto Matias Pereira, pároco de Almofala e Várzea da Serra. Entre as individualidades civis refira-se a presença do senhor Presidente da Câmara Municipal (José Fernando Carneiro Pereira) e do senhor presidente da junta de freguesia (Manuel Loureiro Pereira) que se associaram à manifestação jubilar.

O P. Matias começou por dar as boas vindas a todos os presentes e manifestou publicamente o seu ar de satisfação e de felicidade pela celebração festiva que recaiu sobre a sua paróquia.

De seguida, Dom Felício deu início à celebração solene à qual se associaram e participaram ativamente familiares e amigos e demais convidados. O ofertório, foi o momento escolhido para entregar algumas prendas ao P. João que, no final, agradecerá a presença de todos, e sublinhando, emocionado, a presença de alguns dos seus colegas de Godim 72. Todos os presentes foram convidados a participar no lanche que se seguiu. O P. João foi longamente aplaudido, havia grande emoção e manifestação de muito carinho por parte dos presentes. Uma grande coincidência quis que o guitarrista, António Dias (Sarmento) do grupo musical que ia actuar nessa noite em Almofala, também fosse colega do P. João, o que foi uma grande surpresa para os dois.

Depois da Eucaristia, todos puderam dar os parabéns ao P. João e receber uma palavra afável da sua parte. Seguiu-se um lanche, aonde nada faltava. Cantaram-se os parabéns e o P. João soprou as velas. Um dia muito especial na sua vida e missão pastoral.

Os 100 anos do P. Joaquim Martins

Carlos Seixas



Celebrar a ocorrência de um aniversário natalício é sempre, por regra, motivo de festa. Então, o que não dizer da comemoração de um centenário de existência?

Assim foi. No dia 9 de Agosto de 2015 o Sr. Padre Joaquim Martins Alves Pereira completou 100 anos de vida e fará os 75 de sacerdócio ainda no corrente ano (21/12) sempre ao serviço da Igreja. Primeiro como membro e missionário da Congregação do Espírito Santo pela fecunda missão de apostolado exercida em Angola; depois, incardinado na diocese do Porto, como fiel pastor e pároco de Seixezelo, Vila Nova de Gaia.

Numa comunhão de esforços, raramente vista, juntaram-se os seus “parouquia-

nos” dos Altos-Céus, Anta, Guetim e Seixezelo e muitos amigos seus que decidiram festejar evocando a efeméride, aos quais se associaram várias entidades religiosas e civis de propósito convidadas, tendo marcado presença Dom António Francisco, bispo do Porto, Dom João Lavrador, seu auxiliar, o P. Tony Neves, Provincial da Congregação do Espírito Santo e o Presidente da Câmara de Espinho, Dr. Joaquim Pinto Moreira.

Do programa festivo constava uma Missa Solene, que foi presidida pelo Sr. Bispo e concelebrada pelos cerca de 30 sacerdotes que se associaram à Homenagem, sendo acompanhada de forma brilhante pelo Grupo Coral da Paróquia de Seixezelo.

Na homília, o presidente concelebrante, Dom António, realçou o reconhecido agradecimento da Igreja Altos-Céus, lugar da sua naturalidade na freguesia de Anta, à sua família, à Congregação do Espírito Santo e, por último, ao Padre Joaquim Martins pela sua fidelidade à igreja e seus princípios ao longo deste largo espaço de tempo.

Terminada que foi a celebração eucarística, as cerca de duas centenas e meia de amigos cantaram os “Parabéns” ao homenageado, ali no adro da capela dos Altos-Céus. Seguiu-se, em ambiente fraternal e no mesmo espírito de amor, um ágape extremamente abundante em comes e bebes, que todos disfrutaram com exuberante alegria.

O bolo da praxe foi cortado pelo aniversariante, acompanhado uma vez mais pelo Sr. Bispo. A Tuna Musical de Anta associou-se à Homenagem com uma interpretação musical surpresa, em frente da sua residência.

Os ASES não podiam faltar a esta homenagem e estiveram representados pelo Núcleo da Feira nas pessoas de Manuel Silva, Ferreira Alves, Álvaro Marcolino e Carlos Seixas.

Resta-me, sendo eu um dos amigos que se prezam do Padre Quim e porque não duvido ser isso o que lhe vai na sua alma, agradecer muito sinceramente a todos os que colaboraram nesta sentida e merecida Homenagem.

CORRESPONDÊNCIA RECEBIDA

...Respostas Breves

Alberto Melo

Correspondência...

Como os tempos de seca que correm e cobrem o país, assim a correspondência que nos vai chegando... um deserto, salvo um outro pequeno oásis que nos mitiga a sede e a fome de notícias. Quanto ao resto, falsos alarmes que não passam de autênticas miragens. E lá continuamos de ilusão em ilusão até que os céus se abram em catadupas que inundam esta rubrica para dar conta de quem vai estando “vivo”.

Facebook

Temos recebido bastantes pedidos de adesão, ao Grupo UNIASES no Facebook, de antigos e mais recentes alunos do Espírito Santo (ASES). Grande parte fica a aguardar dados mais completos. Para tornar mais rápida a tarefa de inclusão é aconselhável que o(s) candida-

to(s) nos forneça(m) demais elementos para cabal identificação, aliás um modo eficaz para atualização do nosso ficheiro que enferma da falta de números de contacto e de endereços de e-mail.

Comunidade Espiritana do Fundão

Funciona a Casa do Fundão como centro de animação missionária e está situada na Rua José Germano da Cunha, 39, onde estão colocados o P. Fernandes Correia, do Curso de 1942 em Godim, com as funções de Superior, e o P. José Martins Salgueiro, do Curso de 1948 no Fraião, como Ecnomo.

Contactou-nos, por e-mail, o P Martins Salgueiro solicitando uma lista com os nomes e contactos dos ASES que vivem perto de nós, isto é, nos distritos de Castelo Branco e Guarda. Gostaria de os convidar para um encontro, a fim de nos

conhecermos e planear alguma atividade de interesse para todos.

O P. Fernandes Correia e eu estamos dispostos a acolhê-los, o melhor possível.

Suponho que o ‘Secretário’ e Tesoureiro, Cunha Pinto já terá conseguido sacar e enviar essa lista do nosso ficheiro. É o princípio, o pontapé de saída. Tarefa árdua? Talvez... os nossos companheiros identificados, a maior parte já no 4º ou 5º escalão de veteranos, (a contar dos 60 para cima) têm uma palavra a dizer para que esse encontro se torne realidade. Do acolhimento e da receção estamos nós certos como membros de uma família, a Espiritana.

À Direção da UNIASES pede-se, no seu planeamento de atividades, que viabilize, em consonância com a Comunidade do Fundão, uma reunião para reerguer o Encontro das Beiras, este ano uma vez mais gorado.

Paulo dos Santos Carvalho **G54**
Escreveu-nos sua filha, Ana Clara, a agradecer o apreço que tínhamos por seu pai. Era um dos nossos, assíduo e participativo nas Assembleias Gerais realizadas no Fraião. Estranhávamos a sua ausência nestes últimos tempos... até ao momento em que fomos confrontados com a notícia do seu falecimento que a todos nós que privávamos com o Paulo nos deixou consternados.

Pessoa de extremo dinamismo, sempre nos fez crer que viveria mais uns anos e nós acreditámos, embora o vissemos definhando de dia para dia. Era o nosso egoísmo de querer que ficasse connosco. Custa a aceitar, mas tranquiliza-nos saber que está em paz.

Se temos fé e acreditamos no Senhor da Vida, essa é a nossa satisfação que continuará vivendo na plenitude da paz. As nossas sentidas condolências!...

Quanto ao envio da nossa publicação UNIASES, suponho que o Tesoureiro e Secretário terá já dado conta do recado, indo ao encontro de seus desejos.

Joaquim José Az. Moreira **S55**
... ando com vontade de abandonar o 'privilégio' da última página, colaborando mesmo assim dentro do possível...

Num tempo em que lutamos e apelamos a uma maior participação escrita para a edição trimestral do nosso Boletim... como um soco no estômago este desabafo, só assim o entendo, do mais credível e credenciado colaborador do UNIASES.

Tens toda a liberdade em proceder como desejas. Estamos habituados à tua presença, escreves que não mais ninguém. No entanto, a tua ausência marcará um grande vazio neste, já de si periclitando,

Boletim. Por isso te concedemos as honras de uma página nobre. Se o não quiseres, colocamos-te a interior direito ou esquerdo, mas, por favor, não nos abandones, centenas de leitores ficariam inconsoláveis.

Joaquim Leal Pereira **V57**
Escreve-nos desde os Estados Unidos à procura de um advogado recomendável para tratar, em Lisboa, de assuntos do foro jurídico.

Fica aqui registado o apelo. Caso haja algum advogado da nossa praça/associação disponível e disposto ... É só contactar.

Américo Joaquim Pires Esteves **G59**
Pessoalmente, agradeço a resposta enviada e que satisfaz a minha curiosidade. No seguimento do anterior n.º 178 do Boletim UNIASES peço desculpa pelo "eu cá, tu lá" quando, por pleno desconhecimento, ignorava a qualificação deste companheiro agora Juiz Conselheiro Jubilado do Supremo Tribunal Administrativo.

Finda a minha carreira profissional de Juiz Conselheiro e no sentido de apaziguar o mundo do futebol... aceitei o pedido, depois de uma recusa inicial, para presidir ao Tribunal da Liga NOS da então chamada Comissão Arbitral. Cumprida a tarefa e chegado ao fim o meu mandato pensava ser tempo de dar lugar a outros (...).

Vários clubes (...) solicitaram a minha continuação, o mesmo sucedendo com os candidatos ao cargo de Presidente da Liga que me endereçaram convite para continuar a exercer o mesmo cargo, após examinar os seus programas de candidatura (...) acabei por aceitar o lugar que me foi proposto e acordado

(...) ocupando neste momento o cargo de Presidente do Conselho Jurisdicional da Liga (nome dado à antiga Comissão Arbitral) órgão competente para julgar e decidir certa espécie de litígios do mundo do futebol.

Desejamos a este AS, natural de Valverde-Mogadouro, as maiores felicidades no serviço assumido na Liga NOS, cujo Presidente é o ex-árbitro Pedro Proença, para bem do pátrio futebol.

João Carlos Armada Garcez **V69**
Através do FACEBOOK recebemos mensagem deste nosso companheiro, natural de Ponte da Barca, dando-nos conta de que solidariedade e preocupação pelos outros foi sempre lema da minha vida.

Ontem pelos outros, hoje mudam-se os cenários: Neste momento complicado para mim e minha família, venho "bater-vos à porta" pois necessito conseguir um emprego para a minha filha mais nova, que tem o Mestrado Integrado em Ciências Farmacêuticas pela Faculdade de Farmácia de Coimbra. Tanto pode ser farmácia hospitalar, como comunitária. Daqui fazemos eco da mensagem transmitida. Havendo hipótese de colaboração/ajuda... por favor entrem em contacto connosco que do recado daremos conta.

José Ilídio Loureiro Morais **G88**
Apesar da distância que nos separa deste antigo aluno, a residir em França, foi incansável na organização/colaboração da Festa dos 25 anos de ordenação de seu primo e conterrâneo P. João Domingos Brás (ver artigo pag. 5). A propósito, legou-nos no Facebook uma grande reportagem fotográfica sobre o evento festivo: 25 Anos de Sacerdócio...

TESOURARIA

JULHO / SETEMBRO 2015

N.º	Nome	Conta	Montante	N.º	Nome	Conta	Montante
147	Aloisio Santos Felicio	QUOTAS	70,00 €	1387	Julio Manuel Fontes Sá	QUOTAS	30,00 €
2834	António Manuel Rocha	QUOTAS	30,00 €	2439	Luis Candido Nobre	QUOTAS	50,00 €
452	Armando Ferreira Vilhena Silva	QUOTAS	20,00 €	1446	Manuel Aarão Freitas Sousa	QUOTAS	50,00 €
2838	Benjamim Santos Alves	QUOTAS	40,00 €	2883	Norberto Oliveira Gaudêncio	QUOTAS	50,00 €
702	Ernesto Jesus Gomes	QUOTAS	40,00 €		TOTAL		630,00 €
1957	Francisco Jesus Jarnalo	QUOTAS	100,00 €	DISTRIBUIÇÃO DE "LEVADOS POR UM SONHO"			
831	Gaspar Ribeiro Costa	QUOTAS	20,00 €	Distribuídos até 30-09-2015			355 7.100,00 €
849	Hélio Sousa Martins	QUOTAS	50,00 €	Ofertas			51 0,00 €
2425	José Manuel L. Lopes Subtil	QUOTAS	80,00 €	Para distribuição			114

A MINHA IDA À GUERRA DE ANGOLA

Alferes Ferraz – CC 534



Parti para Angola em 20/07/1964, no navio Uíge, aportando a Luanda a 01 de agosto. Cheguei ao Luvu, a norte da Mamarrosa e de S. Salvador do Zaire, mesmo na fronteira com o Congo, em 05 de agosto, e embarquei em Luanda, no navio Niassa, de regresso à Metrópole, em 05/02/1966, desembarcando em Lisboa em 17 de fevereiro. Fui em rendição individual, pois o meu Batalhão já tinha partido em novembro de 1963.

Falar da minha guerra em Angola é falar da Mamarrosa e de Sanza Pombo, sede do nosso Batalhão 595 e da CCS, da Canga e do Quimbele, onde estive a 533, do Luvu e de Massau, por onde andou a 534, da Magina e da Cangola, onde se instalou a 535. Falar de Angola é também falar de Quicua e do Cuango, onde estiveram pelotões destacados. É falar de Quimariambo, da Huamba e de Quimassau, terras bem conhecidas de muitos companheiros nossos, que por lá passaram muitas vezes ou por lá fizeram proteção a quem trabalhava. É também falar da Serra do Uíge, por onde tantos de nós andámos em matas cerradas, calcorreando montes e vales e atravessando rios, sendo atacados e atacando. Há muita coisa que se me varreu da memória, do tempo que passei em Angola. Mas lembro-me das caminhadas sem fim à procura do inimigo; do pó das picadas; das emboscadas; das operações militares; do feijão maluco, que nos punha

tolos com a comichão que provocava, quando, sem querer, lhe tocávamos; das chuvadas torrenciais que nos encharcavam, secando-se a roupa no próprio corpo; da lama e buracos que as chuvas fortes faziam nas picadas e que dificultavam o andamento das viaturas e, quantas vezes, as avariavam; dos rios que tínhamos de atravessar a vau e que na época das chuvas se tornavam mais largos; das trovoadas tropicais, que nos punham a todos em respeito; do cacimbo, que apanhávamos durante as noites, que eram muitas, por mês, em que estávamos emboscados à espera que o inimigo aparecesse; das jiboias, que nos visitavam nos próprios postos de sentinela e nas casernas à procura de calor ou de alguma presa; das cobras, que apareciam por todo o lado; das hienas, cujo uivar, de noite, mais pareciam crianças a chorar; da multidão de formigas e de vespas, que, por vezes, nos atacavam ferozmente; das nuvens de mosquitos, que não nos deixavam dormir nem descansar; dos macacos, que nos saudavam com um barulho ensurdecedor quando passávamos junto às árvores onde se encontravam empoleirados; do stress constante a que estávamos sujeitos, sempre à espera de sermos atacados; do isolamento enorme em que nos encontrávamos, só cortado pelas notícias que recebíamos dos nossos familiares, namoradas ou madrinhas de guerra, através dos famosos aerogramas, que nos davam alento para aguentarmos a missão.

O desejo de regressar à Metrópole era tanto, que contávamos os meses, dias, e horas que faltavam para acabarmos a comissão. Nem todos regressaram; quinze deixaram lá a sua vida: uns mortos em combate, outros em acidentes vários.

Muitas vezes me questiono se terá vali-

do a pena tanto sofrimento, tanto sacrifício, tanto stress, tanta mazela sofrida, que ainda hoje acompanha a maior parte dos que por lá estiveram. O poeta dizia que “tudo vale a pena se a alma não é pequena”. E de facto é gratificante constatar que no meio de tanta adversidade e sofrimento, e apesar de para lá termos ido obrigados, obedecendo à ordem “para Angola rapidamente e em força”, também houve coisas boas como as paisagens lindíssimas, a camaradagem, o convívio, as caçadas aos veados, aos javalis, às pacaças ou aos cavalos selvagens, cujas carnes davam uns bifés com batatas fritas, que nos deleitavam, ou umas caldeiradas, que nos deliciavam. Para mim, marcou-me de um modo especial, pela positiva, ver uma sanzala inteira a despedir-se de nós, a chorar, quando deixámos Massau, no fim da comissão, sinal de que não éramos assim tão maus para os nativos como às vezes dizem aqueles que nunca por lá andaram.

Mas o que de mais importante trouxe de Angola foi a satisfação do dever cumprido, embora obrigado, e a amizade infinda, cimentada no meio de tanta dificuldade e sofrimento. Essa amizade ainda hoje se mantém e certamente se manterá até ao fim dos tempos, como se vê nos encontros do Batalhão, em que todos querem estar presentes para abraçar aqueles companheiros que já não veem há muito tempo e quantas vezes, desde que regressaram de Angola.

A todos os companheiros da CC 534 e, de um modo especial, do meu Pelotão, o primeiro, que comigo passaram os melhores anos da sua vida, em bons e maus momentos, um abraço de muita amizade e de agradecimento por tudo o que aprendi com eles.

UNIASSES - CGD - BARCELINHOS

NIB 0035 2008 0003 8874 930 35 | CONTA Nº 2008 038874 930

Simplifique a sua participação para as Quotas - Fundo de Solidariedade - Bolsas - Jornal...

No Descritivo escreva nome completo ou Às n.º _____

UNIASSES

Apartado 1098 4710-908 BRAGA
ases@portugalmail.pt

Presidente:

969 690 551 | 214 445 827
alberto.r.melo@netcabo.pt

Tesoureiro:

919 441 970 | 253 951 257
cunhapintobraga@sapo.pt

CANTINHO DA POESIA

O FUTURO O FUTURO O FUTURO (FALA UM JOVEM)

terá o futuro a cor rósea dos meus braços
ou do mar promissor dos meus olhos
ou a suavidade da minha pele jovem
ou o sabor de sonho que alguém
já descobriu nos meus lábios

apalpo a escuridão e só encontro
paredes negras e escorregadias
portas lacradas e janelas que o não são
porque dão para o vazio e só abrem
para deixar entrar a fuligem e o desespero

ventos incontroláveis varrem os labirintos
íntimos desta cabeça que estreito entre as mãos
e nem o vento nem o entendimento nem os sonhos
encontram um rumo um remo um arrimo
uma nuvem que sirva de leme uma ideia que sirva de lema

o futuro o futuro o futuro
como será o futuro que o futuro nos oferece
haverá futuro para além desta masmorra
haverá futuro com este presente envenenado

(e todavia o futuro pulsa obsessivo nas têmeoras)

Anthero Monteiro - Viana 56

SENTINDO-TE...

sinto, tua pele
mimosa
cheirando ao de leve,
a cravo, a rosa,

a alfazema, porque não,
ou talvez seja a jasmim;
todos são bons, oh se são
e muito, muito melhor,

é quem os usa,
uma bela e querida flor;
Dite, de seu nome; excelente musa

cuja inspiração, é do melhor;
e quem ela inspira, jamais a recusa!
sem ela, poesia não havia, ou era bem pior!

Manuel António Pousa - Godim 57
In " Roteiro Poético e Idílios Meus" 04/14

NOTÍCIAS TRISTES ...



P. MANUEL DA PURIFICAÇÃO AZEVEDO

Natural de Sernancelhe, onde nasceu em 02 de Fevereiro de 1925. Ingressou no Seminário da Guarda-Gare no ano de 1939/40, tendo frequentado ao longo da sua formação os seminários espiritanos durante as etapas da sua formação até ser ordenado sacerdote em 30 de setembro de 1951, na Igreja dos Santos Mártires do Seminário de Viana do Castelo, tendo falecido no Lar "Anima Una" no Fraião a 4 de setembro de 2015, com a idade de 90 anos. Desde 1952, a sua atividade missionária foi totalmente dedicada ao ensino da disciplina de Inglês e à administração de aulas

de Educação Física, sendo de destacar os excelentes e vistosos saraus de ginástica que, por regra, se celebravam no final do ano letivo por ocasião das Festas das Famílias.

Em 1993 passou a residir no Seminário de Viana do Castelo até que em Julho de 2015 o seu estado de saúde aconselhou o internamento hospitalar, vindo a ser transferido, por questões de mais cuidada assistência, para o Lar Anima Una, no Fraião, em princípios de Agosto até à hora do seu falecimento.

As exéquias fúnebres celebraram-se no Fraião na manhã do dia 5, indo a sepultar, a pedido da família, no cemitério paroquial de Sernancelhe.

Sentidas condolências à Congregação e a seus familiares. Que o Senhor os acolha em seu seio de Vida eterna!

Por informação de familiares próximos e/ou por devolução do Boletim UNIASES com a indicação de "falecido", tivemos conhecimento do óbito de:

AS 213 – António Almeida Pinto

Nascido em 23 de fevereiro de 1943, na freguesia da Lapa do concelho do Cartaxo, faleceu em 28 de novembro de 2014, com a idade de 72 anos. Bancário do Millennium BCP, aposentado. Do Curso do Fraião 1959/60, onde ingressou para frequência do então 3º ano do Curso Geral dos Liceus.

AS 1790 – Paulo dos Santos Carvalho

Natural de Paredes de Coura, onde nasceu a 21 de fevereiro de 1935, faleceu a 26 de junho de 2015, no Hospital de Ponte de Lima, vitimado pelas sequelas (enfizema pulmonar) de um

tumor nos pulmões que parecia ter sido debelado após tratamentos de radio e quimioterapia. Contava 80 anos de idade. Vocação tardia, iniciara o seu curso em Godim no ano de 1954/55.

Manuela Maia – Esposa de Carlos Fernandes Maia

Esposa do AS 563 - Carlos Fernandes Maia (V1962) - faleceu em Braga, onde residia, em 6 de setembro do corrente ano com a idade de 62 anos. Era professora, licenciada em Filosofia, com mestrado em Supervisão Pedagógica, tendo dedicado, apaixonadamente, a sua vida à família, ao ensino e a causas sociais.

QUE DESCANSEM NA PAZ DO SENHOR! SENTIDOS PÊSAMAS A TODOS OS FAMILIARES.

O ESPÍRITO SANTO E EU

(Continuação do N° 178)

Boanerges F. Borges

ESPIRITANOS – ESPARTANOS

Espiritano é termo que não existe no dicionário, nem na Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura. Se procurarmos na Internet, local onde se supõe que há respostas para tudo, e iniciarmos a pesquisa com a palavra “espiritano”, aparecem uns dez sítios, todos relacionados com a congregação do Espírito Santo.

Isto significa que o termo é de uso restrito, entre pessoas que, de uma forma ou de outra, tiveram ou têm ligações à congregação e é muitas vezes utilizado para substituir a designação completa da organização: - os espiritanos ou as espiritanas, em lugar dos homens ou das mulheres da congregação do Espírito Santo.

A maioria das vezes, no entanto, parece-me que o termo é usado como um adjectivo que qualifica algo ou alguém, que tem o ideário, o estilo, ou os objectivos de vida, da congregação do Espírito Santo. Quem o usa, parece fazê-lo com uma espécie de orgulho e um sentimento de superioridade, por com ele estabelecer ligação a uma organização altruísta, de ideais reconhecidamente nobres e, ao mesmo tempo, de ar arejado e moderno, que com o seu prestígio aumenta o nosso prestígio.

Quando pensei abordar o tema de seminarista “espiritano”, a mente fez uma associação imediata com outro termo de pronúncia semelhante e de significado não muito divergente: “espartano”. Era isso, o seminarista espiritano era um seminarista espartano, porque em muitos aspectos a congregação tinha comportamentos espartanos.

É sobejamente conhecida a história e um enorme conjunto de lendas criadas à volta da cidade estado de Esparta, na antiga Grécia, que ficou celebrizada para a posteridade como a cidade guerreira, por excelência, onde os seus filhos varões nasciam, cresciam e se faziam homens, envolvidos em guerras permanentes. Esta situação obrigava a que fossem educados e preparados para enfrentar as situações extremas que as guerras implicavam: - disciplina, fome, caminhadas, lutas, ferimentos, toda a sorte de sofrimentos e a morte.

A vida e a educação espartana de que as gerações posteriores passaram a falar, tinha como pano de fundo aqueles princípios e o objectivo era tirar o máximo rendimento (salvar o estado e a própria vida), com recursos mínimos.

A vida espartana para os espiritanos começava por ser uma necessidade de ordem económica. Desconheço quais seriam as fontes de rendimento de que a congregação dispunha. Suponho que não receberia qualquer subsídio do estado, pois o conflito gerado pela confiscação dos bens das ordens religiosas ainda era muito recente. O subsídio a receber por cada aluno do seminário submetido aos exames liceais, também era novidade recente. A sensação que tínhamos era de que tudo começava com algumas dádivas de vulto, feitas por pessoas idosas e ricas que, na ausência de herdeiros por não terem família próxima, faziam um investimento para conquistar o céu através da dádiva generosa ou a venda por um preço simbólico a uma organização religiosa, eminentemente altruísta, perpetuando assim a sua memória e beneficiando das suas orações no além.

Imagino que assim terão nascido os locais para instalar os diversos seminários, em sítios tão diversos e improváveis como Godim, próximo da Régua, Fraião, próximo de Braga, Silva, próximo de Barcelos, Convento das Ursulinas, em Viana do Castelo e a Torre d’Aguilha, nos arredores de Lisboa.

É evidente que dádivas desta dimensão e natureza, não aconteciam todos os dias. Mas havia seguramente outras, em maior quantidade embora de menor vulto, que ajudariam a compor o ramalhete. Havia padres que prestavam serviço e assistência em paróquias, cujos proventos revertiam, penso eu, a favor da congregação. As propinas pagas pelos alunos, embora fossem irrisórias, eram um valor a não desprezar. Mas sustentar umas centenas de bocas jovens, como era o caso de Braga, e pagar as despesas inerentes ao seu alojamento e ensino, exigia seguramente valores avultados, só suportáveis com políticas de contenção e rigor. E aqui residia o

primeiro factor que impunha aos espiritanos uma vida e uma educação espartana.

Mas não era o único, nem devia ser o mais importante. A instrução e a educação que ali se ministrava tinha como objectivo fulcral a preparação de futuros missionários que, em princípio, iriam trabalhar para a África e é fácil imaginar as dificuldades com que se iriam deparar e a escassez de recursos com que teriam de se debater.

Penso fazer um capítulo à parte, para descrever e analisar os estímulos e os castigos a que os seminaristas espiritanos estavam sujeitos e que necessariamente se integravam na disciplina espartana a que eram submetidos. Limitar-me-ei a abordar outros aspectos que preenchiam o dia a dia dos alunos e se enquadravam no mesmo espírito de austeridade e de rigor que sempre nos rodeava.

A ordem, a organização e a austeridade começavam a ser instiladas no espírito do futuro seminarista, desde a fase do recrutamento: - a família tinha de preparar um enxoval, completo mas sóbrio, seguindo uma listagem fornecida pela própria congregação, que incluía também a roupa de cama. Em todas as peças era bordado a encarnado um número, fornecido igualmente pela congregação, que permitia identificar o seu proprietário, quando regressava da lavandaria.

O salutar princípio de deitar cedo e cedo erguer, era levado à letra. Desde manhã e ao longo do dia havia inúmeras formaturas, para nos deslocarmos de um lado para o outro, que em tudo se assemelhavam ao que se passava nas instituições militares. Já foi referido que cada aluno fazia a sua cama. Se não estivesse de acordo com as normas, era desmanchada e o aluno repetia a operação até estar bem.

Uma vez por semana, os alunos tomavam um espartano banho de chuveiro, com água fria. Convém esclarecer que esta periodicidade estava de acordo com os costumes da época. Só muito mais tarde as pessoas passaram a ocultar que não tomavam banho diário, com receio de serem apodadas de “porcos”.

As refeições, também não podiam ser mais espartanas: - pão caseiro e leite com café ao pequeno-almoço; sopa, prato de peixe ou de carne e uma peça de fruta ao almoço e ao jantar. Aos domingos e em dias festivos havia vinho ao almoço e podia haver um doce caseiro, por exemplo, leite de creme. Uma vez por semana ou de quinze em quinze dias, havia um prato que a maioria dos seminaristas aproveitava para tirar a barriga de misérias: - não me recordo sequer qual era a espécie de conduto, se é que o havia, mas o acompanhamento tinha o nome de “batatas com molho” e assemelhava-se ao que agora é designado como molho à espanhola, composto por azeite, vinagre, cebola, salsa picada e sal q.b. Não sei se era o facto de a maioria dos ingredientes, utilizados na confecção, ser produzida nas quintas dos seminários, sendo necessariamente de boa qualidade, ou se a escassez relativa e o menor sabor das restantes refeições, tornavam o paladar daquela em qualquer coisa de inigualável e alguns alunos, como era o caso deste escrivão, apanhavam pançadas monumentais de “batatas com molho”.

Suponho ter referido noutra capítulo que, normalmente, era proibido falar durante as refeições. As excepções ocorriam aos domingos e outros dias festivos em que era permitido o “colóquio”. Enquanto os alunos tomavam a refeição em silêncio, um aluno, seleccionado rotativamente, lia uma obra escolhida pelo director, que era simultaneamente professor de português e literatura, obra essa que, na maioria dos casos, consistia na biografia de um santo ou no relato de vidas de missionários. Recordo-me de duas excepções bem agradáveis, do escritor Ferreira de Castro: - A Volta ao Mundo e Pequenos Mundos e Velhas Civilizações. Para mim era demasiado evidente a intervenção do Pe. Antunes Pinto nesta escolha, por pertencerem a um autor que devia ter a maioria das suas obras no índice de então. E assim pudemos deliciar-nos com o sabor e a riqueza da prosa descritiva inigualável do Ferreira de Castro naquelas obras. Valeu a pena estar calado para o escutar e conhecer.

Não havia empregados e, muito menos, empregadas. Havia uns irmãos leigos que se encarregavam de executar tarefas como fazer compras, cozinhar, enfermagem, encadernar livros e cultivar

os campos e as hortas que sempre existiam nas proximidades dos seminários. Tudo o mais, como limpezas, incluindo as casas de banho, jardinagem, descascar batatas, servir à mesa, lavar e limpar a loiça (ainda não tinham sido inventadas as máquinas de lavar), eram actividades exercidas rotativamente pelos alunos, segundo escalas semanais para as últimas e nomeações por períodos trimestrais para as primeiras.

Havia algumas específicas como era a função de zelador que eu exerci durante tempo que não posso precisar, mas que ultrapassou, seguramente, mais de um ano. Merece a pena contar.

Zelador era o aluno que tinha a obrigação de iniciar e presidir a todas as orações que não eram presididas por um sacerdote, como era o caso da missa. Ora nos seminários, como é de calcular, rezava-se por tudo e por nada e o zelador andava sempre em bolandas e não se podia atrasar, sob pena de ficar toda a comunidade à espera de S. Ex^a chegar. Era um cargo exigente e de certo prestígio que isentava o nomeado de fazer limpezas e outras tarefas no género, pelo que exercia uma certa atracção. Por outro lado, a maioria receava exercê-lo, porque se ficava muito exposto e sujeito às implicações que se adivinham.

No início do último período do 4º ano, ou no primeiro do 5º, foi com espanto geral e muito particularmente com espanto meu, que fui nomeado “zelador.” Isto nada tem a ver com falsa modéstia, mas unicamente com a ideia que todos tínhamos de que eu não era aluno de comportamento exemplar, bem pelo contrário, e o meu perfil em nada corresponder ao dos anteriores ocupantes da função.

Como não gostava de deixar créditos por mãos alheias, lá me apetrechei o melhor que podia para exercer a função a contento. Desde logo, e pedindo desculpa pela imodéstia, eu tinha uma excelente voz, forte e bem colocada e a paixão pela leitura ajudou-me a criar a entoação e o ritmo que se afiguravam ser mais adequados a cada oração ou acto a que tinha de presidir. E nem me saí mal de todo. Ao fim de pouco tempo, sentia-me como peixe na água, porventura criando o excesso de confiança que antecede os grandes deslizes.

Um deles ocorreu a um domingo ou a uma quinta-feira, que eram dias de passeio. Antes da saída, os alunos reu-

niam-se na capela e o zelador entoava as primeiras palavras de uma oração curta e muito conhecida, “ Oh Senhora minha, oh minha mãe” e os alunos prosseguiram “eu me ofereço todo a vós”... Como de costume ajoelhei-me e comecei a ficar com suores frios, com uma “branca”, como dizem os actores: - não conseguia, de modo nenhum, recordar como era o início da oração. O tempo começou a passar, toda a gente se voltava para mim, para tentar perceber a causa do atraso e eu continuava sem me recordar e a não conseguir dizer as palavras mágicas. Até que, de repente, tive um lampejo e comecei precipitadamente: - oh minha Senhora, oh minha mãe”... Houve uma gargalhada geral, mas a oração lá prosseguiu entre sorrisos e a minha consternação, por já nada poder resolver.

A meio da oração da noite, antes de deitar, havia um momento de particular recolhimento em que os seminaristas eram convidados a fazer o exame de consciência sobre o que tinha sido o seu dia. O zelador dava dois ou três minutos para este efeito e de seguida fazia a leitura do chamado martirologio da congregação. Este martirologio consistia na lista de todos os sacerdotes e irmãos leigos que tinham morrido ao serviço da congregação. Estavam inscritos num extenso livro, a que se adicionavam algumas folhas soltas de actualização, para os mais recentes, onde constava o nome, a idade e a nacionalidade.

Saindo daqueles minutos de meditação e indo anunciar a morte de uma quinzena ou de uma vintena de pessoas, o zelador tinha a obrigação de transmitir a importância e a solenidade do momento, baixando o tom da voz e recitar pausadamente: - “amanhã é o dia aniversário da morte do Padre”... E aqui surgiam algumas dificuldades de monta: - a maioria dos falecidos era de origem francesa e os nomes não ofereciam dificuldades de maior; portugueses havia poucos; belgas, havia bastantes, com dificuldades diferenciadas, consoante tinham falado francês ou valão; estes últimos equivaliam-se aos holandeses e tinham nomes impronunciáveis; finalmente, havia bastantes polacos, com nomes esquisitíssimos para um português pronunciar.

ESTANTE À Grécia À Grécia Senhores

Por Joaquim Moreira



No nosso terceiro ano dos liceus a gente estudava a civilização grega. Não me recordo se o padre professor a dava com ou sem entusiasmo, era deuses por tudo e por nada, melhor seria esperar pela hebraica, um só deus verdadeiro e, mais tarde, apenas três pessoas, distintas. Mas deve ter sido aí que nasceu em nós aquela veneração, aquele fascínio pela Grécia, qualquer coisa que nunca mais se poderia perder. É óbvio que, tirando aquela fraqueza dos deuses, havia na Grécia coisas formidáveis, um Sócrates, que não se confundia nada com um futuro craque de bola brasileiro nem com um actual presidiário em Évora, um Platão, de quem santo Agostinho gostava muito, viva santo Agostinho, um Aristóteles, que são Tomás de Aquino haveria de cristianizar mais tarde, viva são Tomás de Aquino, um Fídeas, que mandava espalhar por Atenas e arredores colunas de templos impressionantes, um Ésquilo, um Sófocles e um Eurípedes, trágicos, um Aristófanes, mais prá comédia de costumes, um Sólon, político, não me lembro bem a que propósito, um Drácon, esse sim, prá medidas de rigor tipo Vítor Gaspar ao serviço de sua majestade os mercados internacionais “felizmente reinantes”, voa-me o pensamento para o Évora agora emérito. Havia muitas mais coisas boas e muitas mais pessoas, aquilo era terra fértil, dieta mediterrânica, viveiro inesgotável de pensadores, oradores, historiadores, artistas, guerreiros, atletas, sacerdotisas e oráculos, periecos e ilotas, e uma educação espartana que aconselhava a roubar mas que ninguém visse. Grécia, unanimemente aceite como pátria da civilização oriental, a nossa, as outras não contam. Grécia que Roma também conquistaria mas que por ela seria conquistada e assim levada ao mundo conhecido.

Duas publicações, antiquinhas, despertaram esta estante. Uma de Ruben A., UM ADEUS AOS DEUSES (edição Assirio & Alvim, 2010), outra de Henry Miller, O COLOSSO DE MAROUSSI (ed. Tinta da China, 2011). Ruben A. anda comigo desde os tempos da filosofia, quando comecei a alimentar minhas “preocupações existenciais” com o que se podia encontrar na farta biblioteca da Aguilha. Livros como A TORRE DA BARBELA, O MUNDO À MINHA PROCURA e O OUTRO QUE ERA EU deixaram marcas. E quando, do carismático primo de Sofia de Mello Breyner,

me apareceu agora diante dos olhos este adeus aos deuses, lá vou eu ou com ele até à Grécia, atrás daquele fascínio que já lá me levava presencialmente em 1980, prémio que a mim mesmo destinara para final da licenciatura em História na Universidade de Coimbra. Troquei um anel de curso, que me custaria quase 10 contos em ouro, por cinquenta contos trabalhosamente angariados em divisas estrangeiras e levados escondidos comigo em viagem de comboio que, oito dias depois, me deixaria na gare de Atenas. Seriam 15 dias num modesto hotel, o Néos Ólimpos, donde irradiaria para “cidades” emblemáticas, Delfos, Micenas, Corinto, Argos, Nauplia, Epidauro, Olímpia e, para que não dissessem que não visitei as ilhas gregas, uma noite em Égina, a ilha mais próxima e mais barata. E é claro, a Acrópole, o Parténon e um excesso de outros monumentos e ruínas por todo o lado. E a arrepiante e elevante impressão da música tipicamente grega despejada em quantidades industriais pelos quiosques das redondezas. Agora, a leitura atenta e lenta de um escritor inquieto e profundo como Ruben A., que morreria aos 55 anos, vem ajudar à reposição da Grécia no baldaquino a que tem direito. E depois de intuirmos as razões substancialmente objectivas da importância da Grécia na civilização ocidental, ficamos baralhados como é que isso não é suficiente para a mantermos nas palminhas em vez de a atirmos agora para a tenebrosa implacabilidade dos mercados. Que pena que o mundo seja assim e a história não sirva para nada. O próprio Portugal, que hoje dizem “é muito melhor que a Grécia”, merecia outro respeito.

Na Grécia de Ruben A. nós viajamos com o poeta que sonha e se emociona, e bebe e come e ama e mergulha no mar e sobe ao palco do Epidauro para aplausos no milagroso anfiteatro engastado na vertente. Ele faz na obra como que uma revisão de vida, vontade de por lá ficar para o resto dela. No livro de Henry Miller é mais o relato factual e crítico, distante, calculista até, algumas vezes também emocionado e como que inebriado, um visitante americano, farto da América dita civilizada, encantado e convertido aos prazeres simples e à mundividência de um povo atrasado mas no qual via também um segredo de felicidade. Daí que o escritor, que tinha já saboreado todos os prazeres da vida, parisiense, que tinha feito enorme sucesso com os famosos e sexualíssimos Trópicos, de Câncer e de Capricórnio, entre outras obras, faça também ali a sua profunda

revisão de vida e decida recolher-se a outra filosofia, a da paz, “a luz da Grécia abriu-me os olhos”, a guerra não faz sentido para um cidadão do mundo, 1939, tinha começado há dias a segunda grande guerra de nefanda memória.

Mas interessa talvez o regresso aos títulos das obras em estante. De um adeus aos deuses fala Ruben A., um adeus que é afinal uma viva saudação aos companheiros de viagem, tantos e tão variados, que os gregos tão bem inventaram. De um colosso, Katsimbalis, originalíssimo e paradigmático cidadão grego, fala Henry Miller. Ambos, porém, se encontram no reconhecimento da suprema dignidade humana, o homem que cria os deuses de que sente necessidade e com os quais convive e se sente bem. Uma forma laica de transcendência, transcendência imanente ou a imanência transcendente, como se quiser. “Se os homens deixarem de acreditar que um dia serão deuses, decerto se transformarão em vermes”, proclama o cidadão americano. Ele que no túmulo de Agamémnon em Micenas tinha jurado “dedicar a (minha) vida à recuperação da divindade do homem”. Paz a todos os homens e uma vida mais copiosa, diria também, últimas palavras do livro. Por isso os seus últimos anos foram de recolhimento activo na Califórnia, vinte anos, antes de se findar com a bonita idade de oitentário famoso.

A Grécia os “converteu”, ao Ruben e ao Henry, fenómeno simples de uma refontalização que continua necessária e possível. A Grécia continua a ser fonte, mesmo agora que a querem reduzir a um bando de madraços inconscientes a mamar nos mercados e a não fazer nenhum. É possível que se deva introduzir na Grécia um pouco mais de rigor, administrativo ou coisa que o valha. A austeridade devia ser uma coisa natural, sou naturalmente austero e pobre de quem não é, a austeridade não pode ser uma coisa imposta, estamos no mundo para viver com dignidade. Austeridade, desprendimento, coisas que os religiosos dizem defender. É possível e necessário que a Grécia tenha que interiorizar estas coisas. É um encanto saber de um povo tão amigo de viver, que tanto sofreu e lutou nos últimos séculos, mas que agora querem apenas atarraxar em nome dos sacrossantos malditos mercados. Há-de haver um caminho democrático e justo para a Grécia, para os países não nórdicos, mediterrânicos sobretudo, Portugal incluído, para o mundo em geral. Portanto, à Grécia, à Grécia, senhores. Amen.